

DA MÚSICA À TRIBO: OS EMOS DESDE SUAS ORIGENS AOS DIAS DE HOJE

Renata Oliveira Carvalho¹

Resumo:

O artigo se propõe a fazer um estudo da tribo Emo cuja origem se encontra no gênero musical Emocore, uma vertente do punk. Pretende-se fazer um percurso histórico atravessado pelo punk e o hardcore, ponderando as semelhanças e as diferenças entre os estilos desde a mensagem contida nas músicas até a atitude dos jovens. O presente trabalho é parte de uma pesquisa de dissertação e se sustenta principalmente na netnografia, tendo o Facebook como principal ferramenta para estudar a comunidade Emo. Além de Maffesoli (1987) em seu estudo sobre neotribalismo, este artigo também conta com Caiafa (1985), que contribuiu essencialmente com seu trabalho sobre os punks na cidade, no qual é possível fazer a leitura das circunstâncias em que surgiram os emos no cenário rock das décadas de 70 e 80.

Palavras-chave: Tribalismo urbano. Emo. Música. Punk. Rock.

A relação com o punk

O movimento Emo surgiu em meados dos anos 80 com as bandas Rites of Spring e Embrace, na cena punk rock de Washington, nos Estados Unidos. Suas letras eram consideradas poéticas e introspectivas demais se comparadas as do hardcore, e a batida mesclava com elementos do punk.

Diferente do punk, que ficou conhecido por suas letras políticas de crítica ao sistema, o Emocore aborda temas melodramáticos, sentimentais e sofridos. E apesar de ter melodia acelerada e se dizer parte do movimento hardcore, soava um tanto contraditório para os mais radicais.

Para esclarecer melhor a polêmica em torno do que relaciona o punk ao emo, é preciso entrar um pouco no universo punk, assim será possível absorver as origens do Emocore, e

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. oc_renatajornal@hotmail.com

notar que, enquanto tribo, as distâncias não são tão grandes, e logo as semelhanças vêm à tona.

Segundo Caiafa (1985), eram denominadas punk as bandas inglesas que surgiram em 76/77 e chegaram fazendo um tipo de som que levou o rock a novos rumos. Bandas como Sex Pistols (com Jonhny Rotten no vocal), The Clash e The Damned apresentavam uma atitude musical e política com intenções de pôr fim a tudo, inclusive eles mesmos. As letras eram agressivas, contundentes como o visual, e as denúncias políticas era claras. De acordo com a autora:

O som é muito simples, e muito rápido. Basicamente percussivo, com vocal violento. Contra a complicação do “rock progressivo” que se fazia na época, o punk-rock é o uso imediato do instrumento. Produzir intensidade e lançar um desafio – essa a contundência do punk – e fazer isso com o mínimo. O punk surgiu então num momento em que a extrema complexidade de elaboração e execução fazia do rock uma obra de muitos anos de trabalho (as etapas do progresso e maturação) e muito dinheiro para comprar os mais sofisticados equipamentos. E enquanto as estrelas do rock privavam com os reis (é quando o rock perde sua força e identidade de contestação, toda sua estranheza), Jonhny Rotten aparece com os dentes estragados (e seu vulto frágil) – uma atuação que contaria com essas vantagens para agir (CAIAFA, 1985, p. 9-10).

“Punk” seria uma tradução para pivete, algo que significa um insulto designado ao que há de baixo, sórdido e vil. E de fato, os garotos que faziam o punk-rock eram todos pobres vindos do subúrbio, dos quais a elite não espera um manifesto.

No entanto, a turbulência do início passou e no fim de 77 já emergia um mercado que comercializava nos ritmos e estilos, era o chamado “new wave”. Foi quando as bandas punks chegavam ao fim ou passaram a incluir novas tendências, diversificando seu estilo, associando-se à indústria fonográfica, o que ia de encontro à atitude punk. Mas já no ano de 81, o punk ressurgiu com força total, com uma ampla gama de novas bandas, porém com um som bem mais rápido e com músicas ainda mais breves, era o chamado hardcore.

De acordo com Caiafa, o hardcore é um ritmo no qual as músicas são feitas no mínimo de tempo possível. Enquanto o punk poderia ser aproveitado por outros estilos como influência que o transforma – pois é possível captar ali um desvio mesmo sendo ele um som bem definido –, o hardcore não possibilita qualquer tipo de adaptação. É um som tão rápido e

violento que um pouco além seria “um estrondo só, de explosão ou desastre” (CAIAFA, 1985, p. 125).

Surgem assim, a partir do Movimento Punk, os adeptos do Movimento Hard- Core (MHC), os quais seriam considerados como os jovens mais radicais. Iniciava-se um processo de separação desses grupos, ficando mais juntos entre si ao adquirirem outra posição dentro do punk, ainda mais expressiva. Daí passou a haver certa confusão de tribos, pois o que seriam os punks? Poderia ser algo diferente do hardcore, ou quem era punk mesmo era hard e os demais não seriam, ou seria o fim dos punks. A impressão é que os punks se reservaram em um núcleo de resistência a fim de estarem a salvo de possíveis “contaminações”.

Tais contaminações seriam as vertentes do hardcore, entre elas o Emocore que não demorou muito para surgir – e foi o punk que abriu espaço. A influência punk é inegável, tanto no estilo quanto no som, a principal diferença mesmo está no fato de que enquanto estes têm a agressividade como sua principal característica, já os emos se expressam através do amor e outras sentimentalidades.

Ambas as tribos evoluíram do estilo musical ampliando-se para uma atitude, um modo de vida. No que diz respeito à moda, é comum tanto em um quanto no outro a forte presença da cor preta, uso pinos e tachas como acessórios, camisas com estampas de bandas, bótons e correntes presos na indumentária. Com o passar do tempo, houve adaptações e transformações. No final dos anos 90, o emo foi adquirindo novos moldes ao passo que se distanciava de sua origem punk/hardcore, ganhou contornos de pop-rock, e tanto a música quanto a moda sofreram mudanças até chegar ao que é hoje, um pouco distante do seu berço hardcore, não à toa são renegados pelo Movimento Punk.

Tanto os emos quanto os punks são jovens que andam em grupos e têm preferência por se reunirem em lugares com pouca luz. Caiafa descreve:

Os punks são jovens entre 15 e 22 anos que se deslocam em bando e não é difícil perceber que estão juntos e algo os une. Não só o visual mas a atitude; eles têm a inquietude e a dispersão dos grupos sem líder; quando caminham eles se propagam, o bando se expande pelas ruas sem gregarismo, mantendo contudo a mesma maneira de enfrentar as coisas e as pessoas, num atrevimento tranquilo e sem revide (CAIAFA, 1985, p. 14)

Vê-se aqui que é uma questão de tribo mesmo, a formação é constituída afetivamente, como define Maffesoli (1987). As tribos atraem pessoas que gostam do som ou curtem a maneira de vestir, no entanto poucos realmente se agregam inteiramente e permanecem ali, é preciso mais do que isso para ser um emo ou punk, é preciso vontade de estar junto e um comportamento apropriado ao grupo. Além disso, uma das características emo é ser um pouco fechado, não diferente disso, os punks também afastam os outros emanando uma solidão que sugere uma intolerância em relação aos que não pertencem ao grupo.

As duas tribos também sofrem ataques e agressões de outras turmas que provocam e implicam com o modo de vida ou até mesmo com a presença deles. Os punks porque têm mesmo a violência e agressividade incutida em seu ser, e acabam atraindo isso para si de algum modo. Já os emos sofrem ataques por outras razões, no caso porque carregam a tristeza e uma atuação depressiva, causando desconforto a algumas pessoas que implicam com tal atitude, mas principalmente pela sexualidade que é questionada por grupos homofóbicos.

De um modo geral, ambos estão cercados de preconceitos e sentem-se constantemente ameaçados e se protegem através do coletivo, da união. Hoje em dia não se vê tanto punks pelas ruas, como nos anos 80 – momento em que Caiafa (1985) realizou sua pesquisa de mestrado – mas há relatos, como verifiquei no trabalho de Ramos e Souza (2010, p. 11), de que eram frequentemente perseguidos pela polícia por causa de suas roupas e comportamento, eram confundidos com bandidos e causavam repulsa. No entanto, os punks ostentavam esse preconceito sofrido, já que a intenção da tribo era mesmo transgredir.

Ao longo das comparações, é notável que as semelhanças saltam mais do que as diferenças. No entanto, os emos sofreram interferências de outras culturas – então seguimos agora com a análise das identificações musicais dessa tribo.

As bandas emocore: influência pop-rock e negação ao emo

De acordo com Ramos e Souza, existem muitas vertentes que se confundem com o Emocore:

(...) as denominações, não são apenas em relação a letras de músicas, mas também são voltadas para a melodia das canções. Por isso a confusão em relação a algumas

bandas, sempre contestadas se são ou não emo, é o caso da banda paulista CPM22 e da paraense Seqüela.

Na segunda metade da década de noventa, a vertente foi adquirindo um novo sentido conforme foi se distanciando das raízes do hardcore e se aproximando também do pop-rock, a música, assim como a estética foram mudando até chegar à moda emo da atualidade, que difere em alguns sentidos do punk original (RAMOS e SOUZA, 2010, p. 9).

Além das mudanças e das influências variadas, há também a questão de que existem algumas bandas que negam o rótulo de emo e por isso pode ficar difícil classificar o gênero musical de algumas bandas que são ditas emcore pelo público e admiradas pela tribo. No Brasil, por exemplo, NX Zero e Fresno são bandas cujos integrantes apareceram na mídia com o visual bastante emo assim como as letras das músicas também tinham teor emotivo e, apesar de serem aclamadas pela tribo querem ser reconhecidas como bandas de rock (não emo). Isso acontece porque dentre os próprios emos existe uma não afirmação ao rótulo – a maioria não tem problemas com isso e encara mesmo o título, mas há uma boa parte que não assume essa identidade –, e um dos fortes motivos é o preconceito violento que cerca a tribo, logo, muitas vezes não admitem porque têm medo do que os outros podem fazer ou pensar deles. No caso das bandas, além do preconceito, há também o fato de não quererem se limitar a apenas um tipo de público a fim de conquistar mais fãs – também por questões mercadológicas.

A banda Fresno apresentava em sua fase inicial (1999) letras sobre desilusões amorosas e sentimentos de uma forma geral, e apesar de ser descrita como banda de rock, também estava relacionada ao emcore e hardcore melódico. No entanto a partir de 2010, a banda passou a escrever suas canções sobre temas como superação, realizações e questões sociais, até mesmo as influências sonoras foram se diversificando. A mudança denuncia a negação ao rótulo de emo.

Assim também é a trajetória de NX Zero, no começo suas canções eram mais sentimentais, mas com o tempo as composições tomaram outro rumo. Não se sabe ao certo se as transformações se deram mesmo por conta do momento pessoal dos compositores que possivelmente tiveram outras inspirações de vida para compor, se por ambições midiáticas que envolvem mercado fonográfico, ou mesmo para fugir do rótulo de banda emo – tendo em

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

vista que na fanpage oficial da banda no Facebook, a NX Zero se descreve como do gênero rock, apesar de ter sido rotulada como emocore. Mas de fato a mudança é visível, inclusive do visual, que aos poucos foi se distanciando da estética emo, observado nas roupas, cabelos e atitude nas poses para as fotos. As imagens abaixo ilustram os distintos momentos da banda.

Figura 1 – Banda NX Zero em publicação de 2008



Fonte: <http://nxzero2008.blogspot.com.br/2008_02_01_archive.html>

Figura 2 – A banda NX Zero em evento em 2014



Fonte: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/21570-reveillon-na-paulista>>

As internacionais My Chemical Romance, Simple Plan e Good Charlotte também são bandas muito queridas entre os emos, mas que, assim como as brasileiras, negam o título. As três bandas também carregam fortemente a estética emo e o conteúdo de suas letras são melancólicos, por vezes sombrios. No entanto, se descrevem como rock ou pop punk, inclusive, o vocalista de My Chemical Romance, que no início dos anos 2000 chegou a ser uma das preferidas dos emos, afirmou não gostar do estilo². Mas o público da tribo se identificava com o sentimento contido nas canções. Abaixo, segue um trecho da música Fake your Death.

<p>Fake your death</p> <p>Some people watch, some people pray But even lights can fade away Some people hope, some people pay But why we have to stay?</p> <p>Cause even heroes get the blues Or any misery you choose You like to watch, we like to use And we were born to lose</p> <p>I choose defeat, I walk away And leave this place the same today Some like to sleep, we like to play Just look at all that pain</p> <p>You want the heart, want to be saved But even good guys still get paid So watch my back and keep the blade I think it got you laid</p> <p>So fake your death, oh it's your blame And leave the lights on when you stay Take off your clothes and dream and fade Come on and feel that shame</p>	<p>Finja que morreu</p> <p>Algumas pessoas assistem, algumas pessoas rezam Mas até mesmo as luzes podem desaparecer Algumas pessoas têm esperança, algumas pessoas pagam Mas por que temos que ficar?</p> <p>Porque mesmo heróis têm tristeza Ou qualquer sofrimento que você escolher Você gosta de assistir, nós gostamos de usar E nós nascemos para perder</p> <p>Eu escolho a derrota, eu vou embora E deixo este lugar do mesmo jeito Alguns gostam de dormir, nós gostamos de tocar Basta olhar para toda essa dor</p> <p>Você quer o coração, quer ser salvo Mas até mesmo os mocinhos ainda são pagos Então cuide de mim e mantenha a lâmina Eu acho que isso te derrubou</p> <p>Então finja que morreu, oh é sua culpa E deixe as luzes acesas quando você ficar Tire suas roupas e sonhe e desapareça Venha e sinta esta vergonha</p>
---	--

² A afirmação foi retirada do site <www.osacarolha.info>, de acordo com entrevista concedida à Universidade do Maine, nos Estados Unidos.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

A letra fala de dor, tristeza, sofrimento e menciona inclusive lâminas remetendo aos corte e escarificações que alguns emos fazem – como se através da pele pudesse se libertar do sofrimento sentido na alma. Independente do título que a banda quer para si, My Chemical Romance, agrada principalmente o público emo.

Simple Plan segue a mesma linha das outras, mas a música Welcome to my life define muito o sentimento desses adolescentes, inclusive foi usada como trilha sonora de um vídeo feito por um adolescente que não compartilha e parece não concordar com os afetos e estilo de vida da tribo. Com a intenção de caçar e estereotipar negativamente os emos, o vídeo foi publicado em 2006 no site Youtube com o título “Confissões de um emo” e já teve mais de seis milhões de visualizações. Naquele ano era muito fácil ver os jovens em bando pelas ruas e a música era grande sucesso nas rádios e em videoclipes na televisão.

<p>Welcome to my life</p> <p>Do you ever feel like breaking down Do you ever feel out of place Like somehow you just don't belong And no one understands you</p> <p>Do you ever wanna runaway Do you lock yourself in your room With the radio on turned up so loud That no one hears you screaming</p> <p>No you don't know what it's like When nothing feels all right You don't know what it's like To be like me</p> <p>To be hurt, to feel lost To be left out in the dark To be kicked when you're down To feel like you've been pushed around</p> <p>To be on the edge of breaking down And no one's there to save you No you don't know what it's like Welcome to my life</p> <p>Do you wanna be somebody else Are you sick of feeling so left out Are you desperate to find something more Before your life is over</p> <p>Are you stuck inside a world you hate Are you sick of everyone around With their big fake smiles and stupid lies While deep inside you're bleeding</p>	<p>Bem-vindo à minha vida</p> <p>Você já se sentiu como se estivesse desmoronando? Você já se sentiu fora de lugar? Como se de alguma forma você não encaixa-se E ninguém te entendesse?</p> <p>Você já quis fugir? Você se tranca em seu quarto Com o rádio ligado e o volume tão alto, Para ninguém te ouvir gritando</p> <p>Não, você não sabe como é, Quando nada parece certo, Você não sabe como é, Ser como eu!</p> <p>Ser machucado, sentir-se perdido, Ser deixado no escuro, Ser chutado quando você está mal, Sentir como se você estivesse sendo empurrado</p> <p>Estar à beira de um penhasco E não ter ninguém lá para te salvar. Não, você não sabe como é, Bem-vindo à minha vida!</p> <p>Você já quis ser outra pessoa? Você está cansado de se sentir deixado de fora? Você está desesperado para achar algo a mais, Antes que sua vida acabe</p> <p>Você está preso em um mundo que você odeia? Você está cansado de todos ao seu redor? Com seus grandes sorrisos falsos e mentiras estúpidas, Enquanto por dentro você está sangrando?</p>
--	---

Além das mensagens transmitidas através das composições, a aparência dos rapazes que integram os conjuntos musicais também colaborou para atrair a simpatia da tribo. O visual é carregado no preto, os cortes dos cabelos possuem a franja característica emo e

alguns usam maquiagem pintando os olhos de preto. A exemplo, a foto da banda Good Charlotte abaixo:

Figura 3: Good Charlotte



Fonte: <http://omusic.com.ua/images/news3/http_imgload27.jpg>

O que há em comum nas bandas citadas até o momento, nacionais e internacionais, é que, do aspecto sonoro, todas são influenciadas pelo pop-rock, se distanciando da velocidade que produz a música estridente do hardcore. A musicalidade delas soa mais porosa e receptível a múltiplos gostos, são bandas populares em grande público com larga venda de discos e muita aceitação. A popularidade é notável por suas músicas serem tocadas em rádios populares e os clipes serem exibidos em canais de música pop, como o Multishow³, no qual é fácil assistir e ouvir os conjuntos musicais.

No entanto, essas bandas eram muito consumidas e admiradas pelo público emo na primeira década de 2000, de lá para cá já se passaram mais de dez anos e muita coisa mudou, não só o estilo das próprias bandas sofreu alteração, mas os adolescentes da tribo agora são outros, e os gostos e a moda também mudaram.

³ Multishow é um canal de televisão por assinatura operado pela empresa brasileira Globosat. Possui em sua grade de programação uma grande variedade de estilos no campo do entretenimento agradando o público geral.

O retorno ao hardcore

A tribo é composta por jovens e se renova constantemente, a principal rede comunicação entre eles atualmente é a internet, tendo o Facebook como a principal rede social, onde seus relacionamentos e interesses estão interligados. Nos grupos e fanpages criados por eles mesmos dentro do site, há frequente troca informações, gostos, novidades e até desabafos. O que me chamou a atenção nas páginas relacionadas ao emo foi a numerosa citação de duas bandas especialmente. De acordo com as pesquisas feitas no Facebook e em perguntas e respostas na *Page Emo's*, atualmente as bandas mais aclamadas pela tribo são Asking Alexandria e Black Veil Brides (BVB).

Diferente das outras mencionadas acima, estas não são tão populares, são basicamente conhecidas só mesmo entre os emos. Estas não são tão veiculadas nas indústrias culturais, é difícil ouvi-las nas rádios e ver os clipes na televisão. Pode-se dizer que Asking Alexandria e BVB fazem a cena mais sombria, que correspondem ainda mais ao emo. Quanto ao barulho que fazem, se aproximam bastante do hardcore dos anos 80, e as letras são de profundo sentimentalismo e sofrimento. Ou seja, independente de rótulos ou definição de gênero, eles produzem, até na técnica, o que poderia ser chamado de música emocore.

Ambas possuem um som bem pesado e com muito barulho, o vocal abusa de gritos e urros. As letras possuem cunho emocional, por vezes mórbidas, depressivas e com temas que falam sobre amor e corações partidos. O visual dos integrantes das bandas abusa de roupas pretas, jaquetas de couro, calças rasgadas, muitas tatuagens, e por vezes só usam coletes, sem camisas por baixo, deixando à mostra o corpo. Apesar dos itens em comum, as bandas se diferem em alguns aspectos. Os músicos da Asking Alexandria usam cabelos na altura dos ombros, com um pouco de volume ou lisos com a franja, geralmente não usam maquiagem preta nos olhos. Já a banda Black Veil Brides, também conhecida como BVB, tem a estética inspirada no dark⁴, com maquiagem artística acentuando a palidez do rosto e pinturas pretas

⁴ A cultura dark, assim chamada no Brasil no início dos anos 80, também foi conhecida como cultura gótica. Surgiu no Reino Unido no fim da década de 70 derivando do gênero chamado pós-punk. A estética conta com um visual escuro, com roupas (moda variando entre rock, punk, vitoriana, renascentista, death rock) e maquiagem basicamente pretas, e os cabelos, também negros, são desfiados e desgrenhados. Os integrantes dessa cultura apreciam filosofia e literatura, e as músicas abordam temas como decadência, sombras e nihilismo.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

por toda a face, incluindo olhos e lábios com batom preto, os cabelos são bem negros, lisos e espetados, o vestuário também preto inclui muitas correntes como acessórios. Todos esses elementos contribuem para a performance sombria em que se apoia a banda, que também trabalha muito com expressão corporal e olhares macabros em clipes e shows, assim como posam para as fotos. Abaixo a foto de uma das bandas citadas:

Imagem 4 – Banda Black Veil Brides



Fonte: <<http://www.aceshowbiz.com/events/Black%20Veil%20Brides/black-veil-brides-2012-revolver-golden-gods-awards-show-01.html>>

Apesar destas serem as mais consumidas pelo público emo, não significa que os adolescentes da tribo escutem só este tipo de música, os gostos variam muito nas vertentes do rock n' roll, desde o new metal, passando pelo pop rock, punk rock ou hardcore melódico. Inclusive as duas bandas acima não são definidas pela mídia como do gênero emocore, são qualificadas como metalcore, post-hardcore ou screamo. Isto mostra a diversidade do imaginário dos jovens emos sobre o como é fazer parte da tribo e as preferências.

10º interprogramas de mestrado FACULDADE CÁSPER LÍBERO

Mas o fato de Asking Alexandria e BVB serem tão queridas pelo público emo é o que acentua o imaginário de dor, solidão e depressão ao qual estão vinculados os emos. As letras expressam sofrimento e lamentações com referências à morte e sangue. Abaixo a letra da música The Final Episode, uma das favoritas do público de Asking Alexandria, retrata o sentimento da tribo emo.

<p>The Final Episode (Let's change the channel)</p> <p>Oh my God, If only he knew about the world without the bullshit and the lies.</p> <p>We could've saved him, They could've saved me. But instead I'm here drowning In my own fucking mind, And I'll be damned if you're the death of me.</p> <p>Blood and ink stain the walls, Silently with bloodied knuckles, carry on, Hoping it's not too wrong. You said the nights were far too long. Honey, it's just the start of it.</p> <p>Oh my God, If he only knew. Just stand up and scream, The tainted clock is counting down. You gave in to me, Would you say the nights are far too long now?</p> <p>Oh my God, (Oh my fucking God) The tears that stain my cheek Must me look weak, I wear them proudly, I wear them</p>	<p>O Episódio Final (Vamos mudar o canal)</p> <p>Oh meu Deus, Se ele soubesse sobre o mundo sem as besteiras e mentiras.</p> <p>Poderíamos tê-lo salvo, Eles poderiam ter me salvado. Mas ao invés disso eu estou aqui me afogando Em minha própria mente, E eu serei amaldiçoado se você é a minha morte.</p> <p>Sangue e tinta mancham as paredes, Silenciosamente com dedos ensanguentados, continue, Esperando que isso não seja tão errado. Você disse que as noites eram muito tempo. Querida, é apenas o começo.</p> <p>Oh meu Deus, Se ele soubesse. Apenas se levantar e gritar, O relógio maculado está em contagem regressiva. Você deu para mim, Você diria que as noites são muito tempo agora?</p> <p>Oh meu Deus, (Oh meu Deus) As lágrimas que mancham meu rosto Fazem-me parecer fraco, Eu uso-as com orgulho, eu uso-as orgulhosamente.</p> <p>Sua faca, Minhas costas.</p>
--	---

proud. Your knife, My back. My gun, Your head. You need a doctor baby, Are you scared?	Minha arma, Sua cabeça. Você precisa de um pediatra, Você está com medo?
--	---

Considerações finais

Tanto Asking Alexandria quanto BVB são bandas que se encaixam também no subgênero Deathcore – um hardcore com letras niilistas e mórbidas –, porém são negadas na cena death justamente por serem consideradas emo entre eles. E têm esse rótulo simplesmente porque os emos gostam. Isso mostra o quanto a tribo sofre preconceito e o quanto a questão atravessa toda a socialidade envolvida e invade o cenário musical.

O fato acaba abrindo espaço para a temática de gênero musical, e nesse sentido, não cabe aqui discutir se as bandas discorridas até agora são emocore, deathcore, post-hardcore, metalcore, screamo, pop-rock, ou qualquer outra infinidade de gêneros ou subgêneros que podem ser denominados. A questão é que desde que os emos se constituíram enquanto tribo, são os jovens que dela fazem parte que passaram a definir o que é a música emo, e isso se dá a partir do gosto. Nesse caso, todas essas bandas são ou já foram em algum momento bandas emo, sem demais definições ou recortes.

Analisar o histórico musical da tribo me levou a ver a questão desse jeito, conforme a proposta de Janotti (2004). De acordo com o autor, a identificação de um gênero musical não depende somente de questões técnicas e mercadológicas (que contribuem para a criação de uma música), é muito mais. A definição de um gênero musical envolve um processo afetivo que depende do fã, daquele que ouve e como ele ouve, depende da sua experiência vivida com a música e com a banda/cantor. Ou seja, o que os emos ouvem e gostam acaba se tornando música/banda emo. Os afetos e gostos funcionam como élan comunitário de uma tribo, e a música, por sua vez, não deixa de ser um elemento estético que faz parte do ethos tribal.

Referências

CAIAFA, J. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub.** Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1985.

JANOTTI JR., Jeder S. **Gêneros musicais, performance, afeto e ritmo: uma proposta de análise midiática da música popular massiva.** IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151765525150120941207919266179084211551.pdf>

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo.** Resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.

RAMOS, Paula, SOUZA, Izabela J.. **Emo, o filho bastardo do punk: análise antropológica de dois ethus grupais em Belém do Pará.** II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte. Belém, 2010.

Websites

<<http://www.osacarolha.info/noticias/vocalista-do-my-chemical-romance-diz-odiar-os-emos/>> Acesso em: 21 jun. 2014.

<<https://www.facebook.com/pages/World-Emo/202834733221050?fref=ts>>

<<https://www.facebook.com/groups/EmoXOfficialGroup/?fref=ts>>

<<https://www.facebook.com/nxzerooficial/info>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<<https://www.facebook.com/oficialfresno/info>> Acesso em: 20 jun. 2014.

<<https://www.facebook.com/MyChemicalRomance/info>> Acesso em: 21 jun. 2014.

Vídeos

Confissões de um emo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OATq8YrIz-c>> . Acesso em: 21 jun. 2014.